

Uma análise sobre: a escola da Ciência- Biologia e História (Vitória-ES)

Lorrany Damasceno Barcelos¹

Jéssica Oliveira Freitas²

Otávio Benincá Toscano³

Resumo

Este artigo foi construído a fim de atender uma demanda de trabalho na disciplina História da História Ensinada ofertada pelo professor Arnaldo Pinto Júnior, do curso de História (UFES). O objetivo do trabalho é analisar um espaço de educação não formal, por isso foi escolhido para a análise a Escola da Ciência - Biologia e História (ECBH), fundada em 13 de janeiro de 2001, idealizada pela ex-secretária de Educação, Ana Maria Marreco Machado. A análise foi feita em 2014, visto que ainda não há muitas publicações sobre a ECBH, os autores decidiram publicar suas impressões, no processo de análise foi entrevistado os responsáveis pela ECBH, a comunidade e um professor da UFES, visitamos a instituição localizada no município de Vitória, no endereço: Avenida Dário Lourenço de Souza, 790, Mário Cypreste (Sambão do povo) e utilizamos os roteiros apresentados pela instituição no seu blog e propusemos um novo roteiro englobando os pontos que elencamos

Palavras-chave: Educação não formal. Roteiro temático. História.

Introdução

Este artigo tem como o objetivo analisar um espaço de educação não formal, por isso foi escolhido para a análise a Escola da Ciência - Biologia e História (ECBH), fundada em 13 de janeiro de 2001, idealizada pela ex-secretária de Educação, Ana Maria Marreco Machado, o museu foi pensado a partir das visitas feitas pela ex-secretária em outros museus com este perfil, ao redor do Brasil e na França.

¹ Graduado no curso de História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: lorrany_barcelos@hotmail.com

² Graduado no curso de História Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: jeh__dix@hotmail.com

³ Graduado no curso de História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: otavio.beninca.toscano@gmail.com

Trata-se de um museu que une natureza e cultura, para retratar a identidade capixaba. Parte-se do princípio de que esses conceitos não podem ser abordados separadamente, pois o homem cria sua cultura ao interferir no espaço natural, onde a compreensão da identidade local requer uma abordagem interdisciplinar. É preciso estabelecer um diálogo entre a Biologia e a História, uma vez que as relações entre os homens são indissociáveis de suas relações com a natureza.

A ex-diretora do museu-escola, Raquel Conti, declarou que o objetivo do museu é reproduzir conhecimento. O conceito de memória surge como sinônimo de conhecimento (GALZERANI, 2008, p.227). Segundo Le Goff, [a] “identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com a memória individual e coletiva”. A partir do momento em que a sociedade se dispõe a “preservar e divulgar os seus bens culturais”, dá-se início ao processo denominado pelo autor como a “construção do ethos cultural e de sua cidadania (LE GOFF, 2007).

Por essa razão, defendemos que o papel de um museu não é apenas o de reproduzir conhecimento, mas o de preservar e construir uma identidade cultural da comunidade que ele pertence. Não vemos na escola-museu a criação de novas atividades geradoras de conhecimento, o que segundo Letícia Julião, tem resultado na estagnação e no isolamento cultural dos museus, quando não na perda da própria identidade institucional. Para a autora, ou os museus se tornam espaços congelados no tempo, que cristalizam seus acervos em visões dogmáticas, tornando-se pouco atraentes para o público ou se transformam em centros de turismo e entretenimento cultural, onde o acervo e todas as funções museológicas parecem constituir-se mais em um pretexto, que na razão de ser da instituição (JULIÃO, 2002, p.98).

Essa pesquisa tem o enfoque nos roteiros temáticos que abordam a história e a historiografia capixaba, os roteiros apresentados para serem trabalhados no roteiro do museu estão disponíveis no blog⁴, no campo de história é disponibilizado os seguintes roteiros: “Tempos Republicanos em Vitória: de Vila à Cidade, Viagem à pré-história do Espírito Santo; Geografia de uma ilha: o local como referência e História e Memória: o bairro Santo Antônio”. O exame desse trabalho focou em dois

⁴ Roteiros Temáticos. Escola de Ciência Biologia-História, 2012. Disponível em: <<http://ecbpmv.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20, julho de 2021.

roteiros: Geografia de uma ilha: o local como referência e História; História e Memória: O bairro Santo Antônio. No blog os roteiros são apresentados de forma resumida e aparecem da seguinte forma:

“HISTÓRIA E MEMÓRIA: o bairro Santo Antônio:
Com base em conteúdo de História, Geografia e Ciências das séries iniciais, esse roteiro está fundamentado em um trabalho de campo que tem como referência o bairro Santo Antônio para buscar semelhanças e diferenças com o que é universal e o que é particular em qualquer bairro da cidade de Vitória. Como o estudo do bairro é conteúdo usual nas séries iniciais, a ECBH espera poder contribuir com esse “modo de fazer”.”

Monitores e Coordenadores

Segundo o ex-coordenador do museu, o senhor Ademir dos Santos Casilhas, a pesquisa para a composição do roteiro é feita pelos monitores e coordenadores do museu, que utilizam uma pequena biblioteca sobre a história do Espírito Santo e a Internet. O coordenador salienta que os monitores tem total liberdade para buscarem elementos de fora para incluírem no roteiro e para montarem as temáticas voltadas para as crianças, como os painéis e as oficinas de congo.

O historiador Keith Jenkins, afirma que ao estudar somente um determinado autor para desenvolver um projeto, ao final, o leitor não estará capacitado para discutir sobre a História do determinado assunto, e sim sobre a visão que o autor possui sobre o tema lido. Jenkins ainda afirma que a História é o conteúdo que os historiadores escrevem. Ou seja, a História é feita por meio dos recortes temporais que os historiadores fazem e que por conta desses recortes, diversos grupos sociais foram excluídos da História. (JENKINS, 2007, p.3-5)

Em todas as visitas feitas pelos pesquisadores individualmente ou acompanhados de escolas, os roteiros de história foram apresentados por monitores de biologia, portanto, estabelecendo uma relação entre o modo como os monitores da Escola de Biologia e História podem ser preparados e a visão de Jenkins, notamos que é problemático delegar a um estudante de Biologia a responsabilidade de fazer os recortes históricos adequados. O problema está na falta embasamento teórico de um biólogo ao exercer o papel de historiador. Ou seja, mesmo que os monitores que cursam Biologia leiam livros de História, eles podem não estar capacitados para problematizarem os fatos apresentados e correm o risco de ficarem muito presos a visão de um autor específico, simplesmente reproduzindo suas concepções sobre a História do Espírito Santo.

Edward Hallet Carr, afirma que a História é composta de fatos que podem ser comprovados e que estes estariam disponíveis para os historiadores nos documentos, nas inscrições, entre outros. Segundo o autor, os fatos históricos não existem sem o historiador e este deve reunir os fatos, estudá-los e apresentá-los da maneira que lhe parecer mais atrativa (CARR, 1982, p. 13-14).

O pensamento de Carr pode ser relacionado à nossa interpretação de Jenkins, pois o autor reforça que é de responsabilidade do historiador selecionar quais fatos são ou não históricos. Reafirmamos que as análises históricas feitas por monitores que são estudantes de outros cursos, como Biologia e Artes podem apresentar lacunas e informações inconsistentes. Devemos salientar que a instituição se trata de um museu-escola e que os estudantes em formação que visitam o local podem assimilar as informações possivelmente “erradas” que recebem, como verídicas. A partir do que vimos durante todas as nossas visitas ao museu, podemos afirmar que a maioria dos monitores que atendem a comunidade são da área de Biologia e que estes não estão bem-preparados para apresentar os roteiros de História, pois estes simplesmente se limitam a apresentar o objeto. Esse problema pode ser temporário, pois os antigos monitores de História foram demitidos e os novos se encontram em período de formação.

Focando na diferença no atendimento da Escola de Biologia e História para a comunidade e para as escolas, vemos que na entrevista com Ademir Casilhas, fala-se que a comunidade visita o museu em busca de lazer e entretenimento e que a apresentação é feita por meio de um roteiro simples e sem problematizações. Já os visitantes das escolas, são atendidos com roteiros específicos e com propostas pedagógicas trazidas pelas escolas. De acordo com Maria Auxiliadora Schmidt, trabalhar com a História local pode ser uma boa estratégia de ensino, e atração da comunidade, pois é uma forma de aproximar o conhecimento histórico da realidade da comunidade escolar (SCHMIDT, 2012, p.190).

Roteiros

Os roteiros “TEMPOS REPUBLICANOS EM VITÓRIA: de Vila à Cidade.” e “VIAGEM À PRÉ-HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO” são compostos por maquetes do patrimônio histórico-arquitetônico do Espírito Santo e objetos da pré-história como pedras, machados, foices etc. As maquetes foram feitas por um artista

plástico, mas segundo o monitor é um trabalho inconclusivo, não contendo no museu todos os patrimônios que englobam o centro de Vitória.

O ex-coordenador do museu declarou que o museu-escola deseja ser uma extensão das escolas, um tipo de ensino laboratorial, no qual o aluno possa visualizar as mudanças históricas no Espírito Santo. A temática proposta pela Escola de Ciência, Biologia e História começa pela Pré-História passando pelo Período Colonial e chegando até o início da República. Por possuírem um roteiro repleto de elementos que demandam tempo para serem bem relacionados e explicados, o museu se limita a fazer uma apresentação sem problematizações e sem estabelecer relações entre os diferentes elementos apresentados. Consideramos que os monitores poderiam aproveitar melhor o tempo disponível para as visitas de escolas, que é de uma hora e trinta minutos, para expor mais detalhadamente as informações.

Por inúmeros motivos sabemos que o desenvolvimento de pesquisa no Museu de Ciência seria quase inviável, mas seguindo a concepção da escritora Letícia Julião, é a delegação à segundo plano das atividades de pesquisa que ocasiona o empobrecimento dos processos de comunicação das instituições museológicas. E por mais que a instituição possua um bom acervo, se ele é apresentado de forma tradicional, sem uma reflexão sobre o que é apresentado, a apresentação se torna meramente expositiva, valorizando os atributos arquitetônicos em detrimento dos históricos (JULIÃO,2002, p.90)

Os roteiros foram apresentados ao professor. Dr. Luiz Claudio Moises Ribeiro⁵ e ele disse que

“As representações de monumentos históricos e dos objetos pré-históricos não são o suficiente para suprir as lacunas históricas deixadas pelos seres humanos. por isso, seria muito interessante que o museu realmente trabalhasse a interdisciplinaridade unindo a Biologia e a História, explicando como o fator ambiental interferiu nas transformações históricas do Espírito Santo e como o homem interferiu no meio ambiente. É necessário que se faça uma reconstrução da História, começando 1000 antes da chegada dos portugueses para que se possa contextualizar sobre os resquícios que estão sendo apresentados. É preciso que haja uma familiarização sobre o objeto que está sendo exposto e as pessoas que os manuseavam, somente assim será realmente compreendido a sua real utilidade na época em questão. No roteiro “TEMPOS REPUBLICANOS EM VITÓRIA: de Vila à Cidade.”, também seria muito interessante que fosse abordado o Projeto de Nova Arrabalde de 1894-98, que previa a modernização da região hoje conhecida como Praia do Canto, no governo Muniz Freire.”

⁵ Professor de História do Espírito Santo na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Portando compreendemos que o museu tem um grande potencial de ensino, práticas e diálogos com outras disciplinas, mas que é necessário uma contextualização e problematização nos objetos apresentados por ele. O local que o museu está inserido é um lugar de história e por isso é necessário dialogar com a comunidade escolar, mas também a comunidade do bairro que está inserido por isso analisamos outro roteiro.

O roteiro “HISTÓRIA E MEMÓRIA: o bairro Santo Antônio” foi analisado, contudo não pode ser acompanhado de perto pelos pesquisadores pois os museus escola só realiza a visita com escolas, com agendamento prévio, informação que não consta no site da prefeitura ou do museu, mas os monitores disseram que a visita à comunidade envolve a visita à Basílica de Santo Antônio, ao grande manguezal e que trabalha com as transformações geográficas da região. De acordo com o professor. Dr. Luiz Claudio Moises Ribeiro:

“Essa relação de memória e história é muito interessante, mas também pode ser problemática, pois o museu pode se restringir a fazer comentários da região, esquecendo que o seu entorno também é muito importante: as transformações históricas estão sempre unidas às transformações sociais. Nesse roteiro seria interessante que as pessoas da comunidade pudessem realizar as aulas, pois estes vivenciaram as transformações ocorridas. Também seria interessante que fosse abordado, além do bairro de Santo Antônio, as transformações geográficas do Centro de Vitória, abordando a construção da Praça Costa Pereira e Parque Moscoso, a construção da Avenida Jerônimo Monteiro na Primeira República e a inauguração do primeiro porto da era capitalista do Estado.”

Seria interessante que esse projeto fosse estendido e divulgado à comunidade. Todavia, ao entrevistar algumas pessoas da comunidade sobre a existência do museu e as ações que ele promovia pelo bairro Santo Antônio, em sua maioria desconhecia a existência do mesmo e de suas ações.

Entendemos que a comunidade viveu a história local e tem capacidade de ser atendida da mesma forma que os alunos. Seria interessante ouvir os relatos desses moradores sobre sua trajetória de vida, pois, dessa maneira, o museu teria uma grande oportunidade para construir um acervo de Memória e História que pudesse ser compartilhado com os alunos. Foi nessa perspectiva sobre a relação entre memória e história que realizamos uma entrevista com uma moradora da comunidade, com o objetivo de perceber as transformações históricas e sociais ao decorrer da sua vida e estabelecer conexões com a História ensinada pelo museu.

Sabe-se que as pessoas idosas tendem apresentar uma História Social em avançado estágio de desenvolvimento, devido ao acúmulo de diferentes vivências

adquiridas ao longo de seus anos de vida (BOSI, 1987, p.22). Aqueles que se tornaram avôs e avós costumam gostar de dialogar com seus netos e netas e contar suas histórias de vida, as quais estão cheias de sabedoria (OLIVEIRA, 2004, p.276-277). Segundo José Carlos Sebe Bom Meihy, para a História Oral, a memória individual só interessa na medida em que permite conhecimento do fenômeno social (MEIHY, 2002, p.55).

Seguindo este pensamento, realizamos a entrevista com a moradora da grande Santo Antônio, a senhora Edir da Silva Pereira, de 67 anos, que narrou para a sua neta como se deu a sua chegada ao Espírito Santo. É possível verificar em seu relato algumas das grandes transformações geográficas e sociais na cidade de Vitória.

A moradora da comunidade nos conta que chegou ao Espírito Santo aos dez anos de idade, vinda da cidade mineira de Aimorés. Assim que chegou à Vitória, dona Edir se assustou com a imensidão do local e com as luzes dos postes elétricos da cidade. Segundo a entrevistada, a região era muito diferente do que é hoje: o local da atual Ponte Seca, no centro de Vitória, era inteiramente coberto por água. Não existia a Rodoviária e nem a grande Santo Antônio. Essa área era conhecida como Miramar e era um grande Manguezal. Aos poucos, a população foi aterrando a região, jogando lixo e restos de materiais de construção no mangue. Por cima, construíram casinhas de madeira com barras de sustentação.

Ao lembrar-se da sua juventude, ela recorda que adorava passear de bonde. Ao recriar o trajeto do veículo, conta que ele passava pela Cidade Alta, pelo Viaduto Caramuru, pela Costa Pereira e pela Ilha do Príncipe. Além disso, ela também adorava viajar de trem e para conseguir chegar à estação Pedro Nolasco que ficava em Paul, Vila Velha, ela tinha que pegar um barco para atravessar a baía.

Por mais que para a História Oral a narrativa seja somente uma versão dos fatos e não fato em si, quando a moradora da comunidade conta sobre as suas lembranças da cidade de Vitória, percebemos que através da memória individual, é possível identificar diversas transformações que alteraram o meio coletivo.

Sugerimos então, que o museu desenvolva pesquisas mais voltadas para o social e de forma que se estabeleça uma relação com a comunidade. Um dos possíveis diálogos seria com o carnaval capixaba e poder-se-ia cogitar a criação de oficinas que tratem da cultura capixaba e que incluam a comunidade nos roteiros, como: Oficinas de Culinária, de Dança e de Contadores de Folclore Capixaba

Conclusão

De acordo com os levantamentos que fizemos, decidimos a partir do que foi analisado da instituição criar um roteiro temático afim de absorver a comunidade e trazer o entrono do museu e aspectos culturais, por isso escolhemos o conflito entre as irmandades da ordem de São Francisco e a irmandade de Nossa senhora do Rosário.

Sabe-se que o convento de São Francisco foi construído em 1591, com o intuito de abrigar os noviços que desejassem se dedicar à ordem de São Francisco. Apesar de o convento ser dedicado a São Francisco de Assis, outros grupos também frequentavam o local, como a irmandade devota de São Benedito, santo este que também era padroeiro da Igreja Nossa Senhora do Rosário, construída em 1765 pela irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Na capitania do Espírito Santo havia apenas uma imagem de São Benedito e por essa razão, havia um revezamento entre as irmandades devotas deste santo. Ano após ano, a imagem de São Benedito saía em procissão do Convento de São Francisco em direção à Igreja Nossa Senhora do Rosário. Porém, em 1832, o pároco do evento proibiu que a imagem fosse retirada do local, devido às fortes chuvas que atingiam a cidade, causando profunda revolta nos fiéis. Não se sabe ao certo como, mas a imagem desapareceu do Convento de São Francisco e surgiu no altar da igreja Nossa Senhora do Rosário permanecendo lá até os dias atuais, fazendo com que o convento necessitasse de confeccionar outra imagem.

A partir desse episódio, criou-se uma grande rivalidade entre as duas irmandades, sendo os irmãos do Convento de São Francisco apelidados de “Caramurus” em alusão ao perfil traiçoeiro do peixe e por sua cor verde, a mesma que predominava em suas vestes. Em revide, os do Rosário foram comparados a um peixe de baixa qualidade, que era desprezado pelos pescadores: o “Peroá”. Em meio a tanta rivalidade, “Caramurus e Peroás” protagonizariam por anos um espetáculo de sons e cores pelas ruas da cidade, na disputa pela preferência de São Benedito em suas procissões.

Como o roteiro de Congo e Casaca apresenta pouco conteúdo, pois foca na confecção de casacas e na dança, seria interessante realizar uma integração com a história da rivalidade dessas duas igrejas, podendo aproveitar as maquetes como uma forma de representação física e contando como a disputa entre essas duas irmandades gerou uma data festiva, que ocorre dia 27 de dezembro, em honra a

São Benedito, onde acontecem apresentações de bandas de congo, missas e procissões.

Bibliografia:

BATISTA, Claudio Magalhães. **Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural**. Caderno virtual de Turismo, 2005.

BOSI, Écléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987

CARR, E.H. *Que é história?*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CANAL FILHO, Pedro (Org.). *A Igreja de Nossa Senhora do Rosário*. Vitória, ES: EDUFES, 2010.

CANAL FILHO, Pedro (Org.). *O Convento São Francisco*. Vitória, ES: EDUFES, 2010

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. A produção de sabres históricos escolares: o lugar das memórias. In: FERREIRA, Antônio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; DE LUCA, Tânia Regina (orgs). **O historiador e seu tempo: encontros com a história**. São Paulo: UNESP: ANPUH, 2008.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2007.

JULIÃO, Letícia. Pesquisa histórica no museu. In: TRINDADE, Silvana Cançado.. ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU MINEIRO. **Caderno de diretrizes museológicas, 1**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura: Superintendência de Museus, 2002.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Avós e netos nas classes populares: a recusa de não se sentir em algum lugar e a descoberta de novo projeto de vida. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória (res) sentimento- Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Unicamp, 2004

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4. ed. ver e ampl - São Paulo: Loyola, 2002.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e Silêncio**. In. Estudos Históricos. 1989/3. São Paulo. Cpdoc/FGV.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História Local: memória e identidade. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Ensino de História: Sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Maud X: FAPERJ, 2007.